

RESENHA DO TEXTO “A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: QUAIS OS DESAFIOS DO PROFESSOR?”, DE IVANDA MARTINS – ALGUMAS INJUNÇÕES CRÍTICAS SOBRE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: TEMOS ALTERNATIVAS NOVAS PARA UMA VELHA CRISE?*

Francisco Renato Lima 1

Urge que se faça [no Ensino Médio, sobretudo] uma reavaliação das metodologias direcionadas ao ensino de literatura, visando à exploração de alternativas didáticas de ensino-aprendizagem, capazes de motivar os alunos à leitura por prazer, ou melhor, à leitura crítica do texto. (MARTINS, 2006, p. 102) (Inserções e grifos meus)

O texto de Ivanda Martins traz como título e subtítulo dois dilemas complexos e que se aproximam do pensar e do fazer docente, assim resumidos: i) a presença da literatura no Ensino Médio; e ii) os desafios da prática docente no ensino da disciplina. Esses pontos, associados ao fato de serem discutidos no âmbito do Ensino Médio, tornam-se ainda mais complexos, uma vez que esse nível de ensino – por razões políticas e curriculares (para não alargar demais o lastro da discussão) – é uma das maiores feridas da Educação Básica atual, tal como revela a preocupação da autora na epígrafe de abertura desta resenha crítica.

Embora tenha sido publicado em 2006, o texto de Martins apresenta provocações atinentes ao cenário atual, marcado por grandes mudanças, a exemplo das propostas no Plano Nacional de Educação (PNE) (2014-2024), na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2018) e no polêmico Novo Ensino Médio, em execução a partir de 2022.

O primeiro impacto de sua leitura é rememorar nossas experiências, como alunos

* Este texto é fruto de uma atividade obrigatória, apresentada à disciplina: ‘Teorias de Leitura e Ensino’, semestre 2021.2, no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (LA), do Instituto de Estudos da Linguagem/Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP), ministrada pela professora Dra. Cynthia Agra de Brito Neves, a quem agradeço efusivamente pelos comentários, críticas e sugestões, que muito contribuíram para o aperfeiçoamento deste trabalho. É claro, que a responsabilidade pelas opiniões expressas e pelos possíveis equívocos teórico-conceituais e metodológicos é exclusivamente minha.

1 - Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Letras - Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor Assistente (substituto) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3152885404404790>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1372-5444>. E-mail: fcorenatolima@hotmail.com

e leitores de textos literários na escola básica, sobretudo, no Ensino Médio. Sentimentos e lembranças são evocados, uma vez que, hoje, professor e estudioso no campo da linguagem (ou das linguagens), reconheço no texto de Martins uma série de problemas e cicatrizes que marcaram minha experiência com a literatura na escola. Diante de tais problemas históricos, enraizados na cultura escolar, pergunto-me: o texto de Martins é de 2006, período que compreende minha época de Ensino Médio (2006 a 2008), e reflete problemas daquele tempo, então, que mudanças ocorreram de lá para cá? Que paradigmas foram mantidos, fortalecidos ou quebrados? As questões levantadas pela autora parecem tão semelhantes ao que ocorria em ‘meu tempo’, quando estudante: a literatura era tratada como uma obrigação e tinha um caráter avaliativo, era ensinada sob uma visão historicista que ressaltava a vida do autor e a estética da obra literária. Atualmente, como a escola e a sociedade – ambas focadas apenas no vestibular e no ENEM – tratam o texto literário nos diferentes espaços em que circula? Será que, mesmo após 15 anos da escrita do texto de Martins, os problemas se mantêm, se agravaram ou a situação melhorou? Mais ainda: após 13 anos do término de meu Ensino Médio, em que pé estamos? E hoje, após 11 anos em sala de aula (em diferentes níveis de ensino da educação), o que tenho conseguido fazer, como professor, para desconstruir os problemas levantados pela autora e que carrego em minha lembrança de estudante do Ensino Médio? Essas, entre tantas outras, são inquietações e provocações que o texto de Martins me/nos traz. Nesse aspecto, como nos diz Pound (1976, p. 32), “parece-me bastante possível sustentar que as funções da literatura como força geratriz de prêmio consistem precisamente em incitar a humanidade a continuar a viver; em aliviar as tensões da mente, em nutri-la e, nutri-la, dizemo-lo claramente, com a *nutrição de impulsos*”. (Grifos do autor)

Diante desse quadro, menciono alguns pontos fulcrais da discussão proposta por Ivanda Martins e que se (des)alinham aos questionamentos anteriores. O primeiro deles é o processo de escolarização da literatura, reduzindo-o a “pretexto” para o ensino descontextualizado de noções gramaticais. Não que o texto literário não possa cumprir esse fim, mas reduzi-lo somente a ele é desperdiçar a beleza estética, o encantamento, o deleite, a fruição, o prazer e a espontaneidade gratuitos que a literatura – arte da palavra – carrega consigo. Como nos diz novamente, o poeta e teórico Ezra Pound (2003, p. 32), “literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível”.

Nesse aspecto, uma importante contribuição apontada pela autora é a carência, por parte dos professores (uma lacuna de formação), de noções teóricas, além da escassez de práticas de leituras literárias em sala de aula. Nesse ponto, a crítica recai sobre o fato de a escola não acompanhar as contribuições que os estudos no campo da “teoria da literatura” ou de “teorias literárias contemporâneas” podem oferecer para desconstruir padrões tradicionais enraizados no ensino, ainda pautado em abordagens formalistas, estruturalistas, biográficas, historicistas, entre outras didáticas, que impedem o aluno de tratar o texto literário como um espaço de inscrição de si, num movimento que pode envolver tanto o contato com obras não clássicas e/ou não canônicas, quanto com obras contemporâneas.

A prática de ensino de literatura na escola precisa mudar para que o professor, agindo como mediador e mobilizador de experiências, possa, de fato, formar leitores de literatura, posto que “a produção e a fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia”, que representam a “coextensiva ao homem, por aparecer invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo ao lado da satisfação das necessidades mais elementares”, como nos ensina o mestre Antônio Candido (1972, p. 244).

Nesse aspecto, é fundamental o domínio, por parte do professor, de conceitos-chave e correlatos, como a diferença entre ‘leitura da literatura’ e ‘ensino da literatura’; ou mesmo levar em conta ‘os dois níveis de leitura: a realizada pelo aluno e a realizada pelo professor’. Tais noções podem ajudar a reconfigurar o estatuto que o ensino de literatura tem no Ensino Médio. Como diz a autora: “há uma necessidade evidente de reavaliação das metodologias direcionadas ao ensino de literatura, visando à busca de alternativas didáticas de ensino-aprendizagem capazes de motivar os alunos à leitura por prazer” (MARTINS, 2006, p. 91).

Ao apontar para a relação entre leitura, literatura e interdisciplinaridade, Martins nos

oferece uma série de argumentos para defender que o texto literário não pode ser concebido como um objeto abstrato e isolado do mundo, pelo contrário, a construção de sentidos se dá na interação entre texto e leitor, ambos situados na dinâmica dos fenômenos históricos, culturais, ideológicos e sociais que revestem e combinam as diferentes áreas do conhecimento. No século XXI, sobretudo, nenhuma área sobrevive sozinha. É no trabalho de parceria, de junção e de diálogo – a interdisciplinaridade – que a literatura sobrevive e alcança propósitos lúdicos, políticos e sociais bastante produtivos para a sensibilização do mundo. Somado a isso, a intertextualidade, a intersemiose e a transversalidade no olhar sobre e para o texto são considerados fundamentais para construir pontes de interpretação, dada a natureza polissêmica do texto literário, que “como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade” (COUTINHO, 1950, p. 62).

Nesse aspecto, a escolarização da literatura é um tema polêmico, pois, segundo a autora, citando Soares (1999), existe um tipo adequado e um inadequado. O primeiro conduz de maneira eficaz as práticas de leituras literárias presentes no contexto social; e o segundo – ainda muito presente em sala de aula – provoca a resistência e a aversão dos alunos pelos livros de literatura. Para Soares (1999, p. 17), “o processo pelo qual a escola toma para si a literatura [...], escolariza-a, didatiza-a, pedagogiza-a, para atender a seus próprios fins – faz dela uma literatura escolarizada”. Assim, mais uma vez, recai sobre o modo como o professor faz a mediação entre a leitura do texto literário e os alunos, considerando seus gostos, suas preferências, suas particularidades e a maneira como interagem com os textos.

Nessa relação entre escola e literatura, algumas concepções equivocadas e preconceituosas permeiam os materiais didáticos, paradidáticos e as práticas pedagógicas dos professores, criando verdadeiros mitos, que pelos títulos selecionados pela autora e pela discussão até aqui traçada, já são razoavelmente autoexplicativos: mito 1: ‘a literatura é muito difícil’; mito 2: ‘é preciso ler obras literárias para escrever bem’; e o mito 3: ‘a linguagem literária é marcada pela especificidade’. Basta reforçar que, no Brasil, os mitos raramente se sustentam, são frutos da imaginação, do preconceito e da estigmatização social. Um exemplo recente disso está na opção política que, democraticamente, o povo brasileiro fez por um ‘mito’ para assumir o cargo da Presidência da República. Tal qual, assim como na política, também na educação e no trabalho com a linguagem, mitos não se sustentam e logo caem.

Um fato que chama atenção é que, naquela época (2006), Martins já apontava para a inevitável presença dos recursos tecnológicos na escola, em específico, no ensino de literatura. Mal sabia ela, que hoje, as “novas tecnologias” por ela apontadas foram apenas a ponta do iceberg para a proliferação de diferentes mídias e recursos digitais projetados para o ensino, e que, atualmente, a linguagem multimodal povoa os textos literários, exigindo, portanto, hiperleitores, no contexto da cibercultura, tal como Martins menciona, a partir de Levy (1999). Esse autor, a despeito do contexto da cibercultura, nos diz que ele especifica “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”, que, por sua vez, representa “não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LEVY, 1999, p. 17).

Trilhado esse caminho de problematização do tema, a autora, ao final do texto, de modo didático e preciso, brinda-nos com uma série de sugestões que possam abrandar as obscuridades que permeiam o ensino de literatura na escola. A proposta de Martins não apresenta receitas de ‘certo’ ou ‘errado’, nem comandos injuntivos de ‘como fazer’, mas cumpre uma importante função de nos levar a refletir sobre que caminhos estão sendo trilhados no trabalho pedagógico com a literatura no Ensino Médio nas escolas, tocando fortemente nessa amálgama social e provocando-nos a repensar os desafios de trabalhar com o texto literário em sala de aula.

Referências

MARTINS, Ivanda. A literatura no Ensino Médio: quais os desafios do professor? *In*: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 83-102.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, 1972.

COUTINHO, Afrânio. **O ensino de literatura**. Rio de Janeiro: A Noite, 1950.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

POUND, Ezra. **Abc da literatura**. São Paulo: Cultrix, 2003.

POUND, Ezra. **A arte da poesia**: ensaios escolhidos. Trad. Heloysa Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix e Edusp, 1976.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). **Escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 17-48.

Recebido em 23 de março de 2022.
Aceito em 8 de agosto de 2022.